UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Luana Silva da Silveira

REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE O PROFESSOR

Porto Alegre, dezembro de 2015.

Luana Silva da Silveira

REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE O PROFESSOR

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia

Orientadora Profª. Drª. Gláucia Helena Motta Grohs

Porto Alegre, NOVEMBRO DE 2015.

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

A Deus, que ilumina meus passos.

Aos meus pais, que são a razão do meu viver, me educaram com muita dedicação e sempre me incentivaram a alcançar meus objetivos.

A minha irmã, que acompanhou parte da minha caminhada e que permanecerá para sempre em minha mente e no meu coração.

A minha amada sobrinha e sobrinho que sempre demonstraram ter muito orgulho da “titia”.

Ao Adriano, meu marido, meu amor, meu companheiro, meu psicólogo e amigo que incansavelmente permaneceu ao meu lado nos momentos em que eu estava vulnerável.

Aos meus queridos tios e primas pelas palavras de conforto.

As minhas parceiras e amigas Ellen, Flávia e Paula pela sincera amizade, carinho recebido nos momentos difíceis e pelas belas risadas.

A minha amiga Verônica que por mais longe que esteja sei que torce por minhas conquistas.

Ao brilho nos olhos e sorriso das crianças que tive o prazer de conviver e aprender muito com elas.

A minha orientadora Profª. Drª Gláucia Grohs, que soube usar de seus conhecimentos e habilidade para me orientar nas minhas limitações técnicas e emocionais, de forma acolhedora, serena e sem poupar esforços para tornar realidade este sonho.

RESUMO

O presente trabalho tematiza narrativas produzidas por crianças da Educação Infantil acerca de representações que elas têm sobre o professor, qual o seu lugar e papel. O objetivo foi compreender quais representações que alunos de uma turma do Jardim B. atribuem ao professor. Para compor a fundamentação teórico-metodológica desta pesquisa, foram utilizados autores como: Freud (1914), Winnicott (1971), Dornelles (1998), Snyders (1993), Kupfer (1992), Bruner (1991), Polli (2001), dentre outros. É uma pesquisa de caráter qualitativo, como instrumentos de coleta de dados utilizou-se observação, desenho temático e entrevistas semi-estruturadas. Por meio dos cruzamentos dessas fontes definiram-se três categorias de análise, a saber: como o professor ensina; posição do professor; e, a relação professor-aluno. Os resultados apontam que as representações que os alunos apresentam sobre o professor estão ligadas a maneira lúdica ao qual os mesmos ensinam e participam com seus alunos, na relação de transferência que o aluno estabelece com o professor.

PALAVRAS CHAVES: educação Infantil; relação; aluno-professor; narrativas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....6
2 METODOLOGIA.....11
2.1 Delineamento e procedimentos gerais.....11
2.2 Participantes e contexto.....12
2.3 Considerações éticas.....13
2.4 Instrumentos e material.....13
2.5 Procedimentos de análise de dados.....15
3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....17
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....26
4.1 Categoria 1: Como o professor ensina.....26
4.2 Categoria 2: Posição do professor.....30
4.3 Categoria 3: A relação professor-aluno.....33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....38
REFERÊNCIAS.....39
APÊNDICES.....41

1 INTRODUÇÃO

O interesse por este estudo de abordagem qualitativa origina-se por meio do estágio obrigatório realizado no segundo semestre de 2014 em uma escola municipal de Educação Infantil situada na cidade de Porto Alegre, onde ao dialogar com minha professora de estágio a mesma comentou que havia questionado uma de minhas alunas perguntando como era minha prática de professora. A aluna respondeu que eu era uma professora boa, porque cuidava dela, brincava e era alegre. Esta pesquisa busca formalizar a inquietação da pesquisadora sobre O lugar do professor na Educação Infantil.

Neste sentido, questionei-me quantas vezes paramos para escutar nossos alunos, abrimos espaços no nosso dia a dia para a criança abordar suas concepções sobre aquele indivíduo que, na escola, passa a ser elemento fundamental para a continuidade do seu desenvolvimento, ou seja, o professor. Uma vez que é de conhecimento de todos que esses sujeitos de tenra idade, isto é, as crianças, são detentoras de direitos reservados pela Constituição Federal (1998) e um desses direitos é manifestar livremente seu pensamento. Contudo, aguçou-me a ideia de saber como os alunos vêem o professor, qual a importância do mesmo para eles. Assim, surgiu o encantamento de realizar a presente pesquisa a respeito de narrativas produzidas por crianças da Educação Infantil, componentes de uma turma do Jardim B, acerca das representações que elas têm sobre o professor. A revisão bibliográfica sobre o tema apontou que estudos são direcionados com maior intensidade as representações que os professores têm sobre os alunos e não sobre as representações que os alunos têm sobre o professor.

Para a Pedagogia como um todo, creio que este estudo irá despertar interesse aos profissionais da área a buscarem uma maior aproximação dos mesmos aos seus alunos, sendo que compreendendo o olhar do aluno ao professor, o mesmo irá refletir sobre a forma de relacionar-se com esse aluno, aprimorando sua prática e tornando-a mais significativa.

O que sabemos deste aluno criança, salienta-se em peculiaridades distintas, uma que a criança está em uma transição de sua vida particular, de sua vida da infância com sua família para um novo ambiente, ou seja, para a escola.

Para a Psicanálise, de acordo com Silveira (2001), logo ao nascer, a criança encontra-se com um mundo onde ela ainda não está física, emocionalmente e psicologicamente pronta para viver. Este, então, é o registro primário no qual o indivíduo passa a existir, onde ele preenche um espaço fisicamente real, porquanto cogita-se que no quimérico, simbólico, começa-se a considerar o existir. Deste momento em diante, a intensidade e a maneira que as pessoas cercam e se ocupam com esta criança, marcará significativamente a relação, e se assim podemos dizer, perdurando, certas características. As primeiras pessoas aos quais as crianças se direcionam são os pais, irmãos no âmbito familiar, e é através deste primeiro convívio, deste primeiro contato social, que a criança irá se constituindo como sujeito. Para Pooli (2001), a família coopera de maneira considerável para munir às crianças meios de direção na vida social.

Na vida contemporânea, onde o ambiente familiar é envolto de agitação com infinidades de compromissos, o pouco tempo que muitos pais têm para estarem com seus filhos transformam-se em momentos do brincar. As relações que muitos deles têm com seus filhos é uma relação mais próxima ao lúdico. O escasso tempo é dedicado há instantes no qual predominam o carinho, ternura, o cuidado, entre outros. Com a superioridade destas ações, os pais “parecem esquecer” de uma parte importante da educação que é impor responsabilidades e limites aos seus filhos. Então, a criança, em idade pré-escolar, habituada a essa relação carrega para a escola a cultura adquirida no meio familiar.

Segundo Pooli (2001), ao frequentar a escola a criança se depara com inúmeros mundos de possibilidades em que não se restringem mais ao meio familiar. Porém, a criança não deixa o universo familiar, no qual estão seus pais, seus brinquedos favoritos, somente descobrirá distinções que marcarão significativamente sua vida. Assim como a família, a escola também colabora de modo significativo oportunizando mecanismos de orientação na vida em sociedade. No entanto, os papéis no campo familiar e escolar se diferem por serem espaços distintos com propostas também diferentes.

Ainda segundo a autora acima citada, entretanto, é no meio escolar que uma inclinação considerável no desenvolvimento do sujeito acontece, visto que o mesmo passa a fazer parte de uma série de regras determinadas pela diversidade

das desigualdades individuais. Na escola o sujeito se depara com regras diferentes aquelas que tinha em sua família, porque a instituição goza de uma organização mais formal. Interessa ressaltar novamente que a criança se constitui inicialmente na relação com seus pais, mas é no ambiente escolar que ela descobre que muitos outros sujeitos também vão colocando as suas vivências (POOLI, 2001). A criança que permanece na escola sem seus pais dispõe de um discernimento de que aquele espaço ao qual se encontra é diferente do seu habitual, onde se sentia protegida e segura.

Segundo Polli (2001) é través das experiências compartilhadas na escola que a criança:

> [...] implica um processo de conhecimento progressivo, autonomia, valorização da identidade, formação de um juízo moral, articulação com a linguagem oral e escrita, trocas de convivência com outras crianças e adultos, conhecimento, interesse e representação da cultura e dos jogos coletivos, possibilidade de expressão das idéias, pensamentos, emoções, além de aventurar-se na produção do imaginário e do fantástico na construção de significados do mundo em movimento (POLLI, 2001, p. 103).

Estas constatações demonstram que a educação infantil além de inserir planos de aprendizagem, propicia para a criança um reconhecimento de se tornar aluno.

No vídeo intitulado Paradigmas Psicanalítico na Educação 2 (2009) o psicanalista Mario Eduardo Costa Pereira aborda, através das ideias de Freud, que a criança chega na escola com uma bagagem cultural, mas também com muitos questionamentos não elucidados no âmbito familiar. Estes questionamentos referem-se às perguntas e respostas que a criança herda, mas como não há um retorno no meio familiar para supri-las, a criança transporta consigo para a escola. Na escola ela terá uma primeira ordem social e cultural, onde ela começa a tentar esclarecer tais questões indo atrás das respostas junto com os outros, isto é, sujeitos que convivem no mesmo ambiente escolar, crianças, professores e demais pessoas. A criança encontra neste meio a possibilidade de abertura favorável a ela, soluções para seus desejos e para os problemas que ainda não tem respostas. Neste momento, podemos pensar no lugar do professor, visto que é ele o principal mediador para elucidar essa corrida

que o aluno tem pelo conhecimento e que é nele que a criança “aposta suas fichas”.

No momento em que a criança se desloca do seu ambiente familiar e passa a frequentar a escola, a mesma conduz consigo, segundo Freud (1914), um legado emocional, uma vez que este legado está repleto de sentimentos conflitantes. Estes sentimentos atingem direto o principal elemento responsável pelo desenvolvimento integral da criança na escola, ou seja, o professor. Na medida em que o professor passa a ser, de certa maneira, figura que ocupa o lugar dos pais da infância.

A partir das ideia de Bruner (1997) no que se refere à infância e suas narrativas, o autor aborda em uma de suas alegações que para a criança adquirir a linguagem “requer muito mais assistência das pessoas que delas cuidam, assim como interação com eles” (BRUNER, 1997, p. 67). A linguagem da criança é obtida através do hábito, e não do papel do ouvinte. Ainda para o autor indicado a cima, “ser exposto a um fluxo de linguagem está longe de ser tão importante quanto usá-la em meio ao fazer” (BRUNER, 1997, p. 67), desta forma a criança não aprende apenas o que exprime, mas a maneira, em que lugar, para qual indivíduo e sob quais situações. É especialmente na forma de narrativas que organizamos nossos conhecimentos obtidos e nossa memória de ocorrências humanas. Isto posto, as narrativas são:

> uma versão da realidade cuja aceitabilidade é governada apenas por convenção e por necessidades narrativa, e não por verificação empírica e precisão lógica, e ironicamente, nós não temos nenhuma obrigação de chamar as histórias de verdadeiras ou falsas (BRUNER, p. 4).

Segundo Rabello (2012), as narrativas na Educação Infantil para Bruner se fazem presentes no diálogo da criança para com os outros, na linguagem gestual e das artes, no brincar, entre outras formas. Desta forma, a criança dá um significado para seu mundo e para sua infância, uma vez que o mundo da infância é envolto de narrativas da mesma e do mundo.

No presente capítulo foram brevemente abordados minha concepções sobre o desenvolvimento infantil na pré escola, baseados nos estudos da psicanálise, e narrativas da infância ancorado em Bruner (1997). Ressalto que o

objetivo deste estudo é compreender as representações que alunos de uma turma do Jardim B. têm sobre o professor.

No capítulo dois aborda-se os caminhos metodológicos. Deste estudo que se caracteriza por uma pesquisa qualitativa no formato de estudo de caso, onde utilizou-se observação, desenhos sobre o tema e entrevistas semi-estruturadas com treze alunos da Educação Infantil. No capítulo três é realizada a apresentação dos resultados, em que se encontram os dados coletados dos sujeitos da pesquisa. No capítulo quatro é sucedido a análise dos resultados , no qual através da coleta de dados foram levantadas três categorias de análise, assim definidas: Como o professor ensina; Posição do professor; e A relação professor-aluno, fundamentadas nas concepções de alguns autores como Freud (1914), Winnicott (1971), Snyders (1993), entre outros. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

2 METODOLOGIA

2.1 Delineamento e procedimentos gerais

Para Lüdke e André (1986), a pesquisa acontece com base no estudo de um assunto controverso, que simultaneamente instiga a vontade do pesquisador e restringe sua ação de pesquisa a certa parte do saber, “a qual ele se compromete a construir naquele momento” (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p. 2). A finalidade deste trabalho é justamente esclarecer um questionamento. Pretendo compreender as representações que alunos de uma turma do Jardim B. atribuem ao professor. Esta pesquisa é de caráter qualitativo, que para Godoy (1995, p. 21) caracteriza-se por “estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”. Ainda, segundo Lüdke e André (1986, p. 18) a pesquisa qualitativa “[...] se desenvolve numa situação natural, é rica em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. Esta perspectiva foi adotada, porque de acordo com Lüdke e André (1986) a inquietação com o procedimento é bem maior do que com o produto. Além disso, o intuito não é de levantar dados estatísticos.

A pesquisa se caracteriza no formato de estudo de caso, visto que conforme a observação de Lüdke e André (1986, p. 18) o estudo de caso:

> [...] é o estudo de um caso, seja ele simples e específico [...]. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular. Os estudos de caso visam à descoberta. Mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais ele procurará se manter constantemente atento a novos elementos que podem emergir como importantes durante o estudo.

Desta forma, o estudo de caso foi escolhido por atentar a particularidade de cada indivíduo, bem como a inquietação que o estudo possui em relação a revisar constantemente suas suposições, pois o saber está sempre em “movimento”, em constante evolução.

2.2 Participantes e contexto

A pesquisa ocorreu em uma escola municipal de Educação Infantil localizada em Porto Alegre – RS. A escolha da instituição se deu por ser uma escola já conhecida, pois foi realizada, há pouco, prática docente nesta instituição. Assim, a pesquisadora foi bem recebida de forma natural, e em nem um momento houve rejeição e receio da abordagem da mesma. A direção e as professoras estavam sempre prontas para ajudar no que fosse preciso para um bom andamento da pesquisa. A coleta de dados compreendeu treze alunos de uma turma do Jardim B., realizada no início deste semestre e transcorrida em três encontros.

Os sujeitos da pesquisa cursam o Jardim B, com a faixa etária de cinco a seis anos de idade, sendo 4 meninas e 9 meninos. A participação dos sujeitos aconteceu de forma voluntária. Os dados dos alunos são:

A1= menina de seis anos e um mês

A2= menino de seis anos e dois meses

A3= menina de seis anos e um mês

A4= menino de seis anos e um mês

A5= menino de cinco nos e nove meses

A6= menino de cinco anos e dez meses

A7= menina de seis anos e dois meses

A8= menino de seis anos e dez dias

A9= menino de seis anos e três meses

A10= menino de seis anos e três meses

A11=menino de cinco anos e dez meses

A12=menina de cinco anos e onze meses

A13= menino de cinco anos e dez meses

A escolha dos sujeitos se deu, em primeiro lugar, pela inquietação da pesquisadora em estudar representações que alunos da Educação Infantil atribuem sobre o professor, em segundo, por ter existido um contato com alguns dos alunos anterior a esta pesquisa, uma vez que os mesmos foram alunos da pesquisadora no estágio obrigatório realizado na mesma instituição em que os alunos estudam atualmente.

Desta forma, em minha opinião, não haveria nem um tipo de constrangimento de ambas as partes. Inclusive, a pesquisadora obteve contato por telefone com a professora titular da turma com formação em Pedagogia, Orientação Educacional e Pós em Gestão do Currículo e pessoalmente com a professora que á substituiu no período em que estive na escola. A mesma possui formação em magistério.

2.3 Considerações éticas

A coleta de dados realizou-se após a assinatura do termo de consentimento informado pelos responsáveis dos alunos (Apêndice 1) e carta de apresentação endereçada a escola (Apêndice 2). Além disso, conforme Lüdke e André (1986), para preservar o anonimato dos entrevistados serão utilizados letras e números quando a pesquisadora se referir aos sujeitos da pesquisa, da mesma forma, não será utilizado ao longo deste trabalho nenhuma informação que venha a tornar pública a identidade dos entrevistados.

2.4 Instrumentos e material

Os instrumentos utilizados para o estudo foram observação, desenhos e entrevistas. Ademais, para fins de registro das falas dos sujeitos, e pós transcrições foi utilizado gravador de voz, todavia serão apresentados na análise apenas os extratos mais relevantes para o trabalho. O primeiro contato para a realização da pesquisa foi através de uma ligação efetuada para a direção da instituição. Nessa ligação, expliquei o assunto da pesquisa, ou seja, estudar as narrativas produzidas por crianças da Educação Infantil sobre representações que elas têm a cerca do professor, qual o seu lugar e papel. Enfatizei com qual turma realizaria o estudo, isto é, com a turma do Jardim B. Após as explicações, obtive autorização para efetuar a pesquisa, também fui informada que a professora titular da turma estaria de licença no período em que realizaria a pesquisa, mas que outra professora a substituiria.

A pesquisa ocorreu em três momentos distintos de coleta. No primeiro, através da observação; no segundo, a solicitação de um desenho e entrevista sobre o mesmo; E, no terceiro, a solicitação para as crianças estudadas de

“contar uma história” sobre o desenho. No dia 24 de Setembro deste ano, compareci na escola para iniciar a coleta de dados.

O tempo da familiarização

Utilizei a observação para me familiarizar com os sujeitos, pois como mencionei anteriormente, obtive contato com alguns dos alunos em momentos anteriores a esta pesquisa, mas não com todos. Também, porque o contato com os sujeitos aconteceu no primeiro semestre do ano de 2014; então não saberia, certamente, a forma que iriam me receber. Inclusive, apóio-me nas considerações de Lüdke e André (1986), ao afirmar que com a observação podemos buscar o significado que os sujeitos concedem à sua realidade e às suas ações pessoais. A observação ocorreu durante uma manhã, período em que os alunos estão em aula. O turno da tarde é destinado à recreação.

Os alunos desfrutam do “brinquedo livre” das 7h (horário que iniciam as atividades na escola) até as 8h30min, ou seja, momento em que os alunos brincam livremente com os brinquedos e jogos disponíveis na sala de aula. Também percebi alguns alunos desenhando. Após, todos se organizaram para irem ao refeitório lanchar. Em seguida, voltamos para a sala de aula, onde a professora fez a chamada. Neste dia, eles realizaram uma atividade com massinha de modelar. Soube, pela professora, que a turma está trabalhando com um projeto sobre os animais, e a mesma solicitou para que eles modelassem animais com a massinha. Posteriormente fomos para o recreio, onde os alunos brincaram com os colegas, andaram nos balanços, correram, conversaram, entre outros. Depois do recreio fomos para o refeitório, pois já era hora do almoço. Após o almoço, os alunos dirigiram-se para a sala de aula, lugar que estava preparado para a “hora do sono”. Neste dia, expliquei para a professora o que seria realizado no segundo encontro.

O tempo da coleta de dados: a primeira coleta

Neste encontro, junto com a professora na sala de aula, solicitei para que os alunos fizessem um desenho do (a) professor (a) ministrando aula para eles, isto é, ensinando algo para eles. Pensei no desenho por ser uma forma de expressão do mundo interno da criança. Além disso, o desenho para Ortega e

Manzano (2010) é uma das linguagens que mais agregam às atividades das crianças, sendo algo muito frequente na Educação Infantil. Ainda segundo as autoras, o desenho pode ser repleto de sentidos, no qual as crianças expressam seus sentimentos e emoções. Ainda, de acordo com Pillar (1999), começar pelo próprio desenho da criança nos conduz a explorar sua capacidade de gerar, contar e recontar histórias a respeito da mesma e sobre o mundo, ora real ou imaginário.

Posterior ao desenho requisitou-se para os alunos socializarem sua produção com os colegas em uma roda de conversa. Esta ideia surgiu após um contato por telefone com a professora titular da turma, no qual mencionou que os momentos realizados com rodas de conversa foram bem proveitosos, pois os alunos "adoravam" trocar ideias uns com os outros. Iniciamos a socialização, mas não teve o efeito esperado. Posteriormente, iniciei as entrevistas individuais semi-estruturadas, isto é, entrevistas "que se desenrolam a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações" (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34).

Algumas questões repetiram-se em todas as entrevistas a saber: Me conta/fala sobre teu desenho?, O que vocês estão fazendo aqui?, Como as professoras te dão aula? Como elas te ensinam?, Por que ele (ela) é legal? As entrevistas ocorreram em um ambiente tranqüilo, onde estavam apenas a pesquisadora e o (a) entrevistado (a).

O tempo da coleta de dados: a segunda coleta

Neste momento foi retomado o desenho e recordado, individualmente, a atividade realizada anteriormente, no qual eles deveriam desenhar um (a) professor (a) ministrando aula para eles, ensinando eles. Em seguida, solicitei que os mesmos me contassem uma história sobre seu desenho. Este encontro aconteceu no mesmo lugar das entrevistas realizadas no segundo encontro.

2.5 Procedimentos de análise dos dados

Há distintas maneiras de analisar os dados de uma pesquisa. "Nas pesquisas qualitativas, que se referem às Ciências Sociais e Humanas, uma das

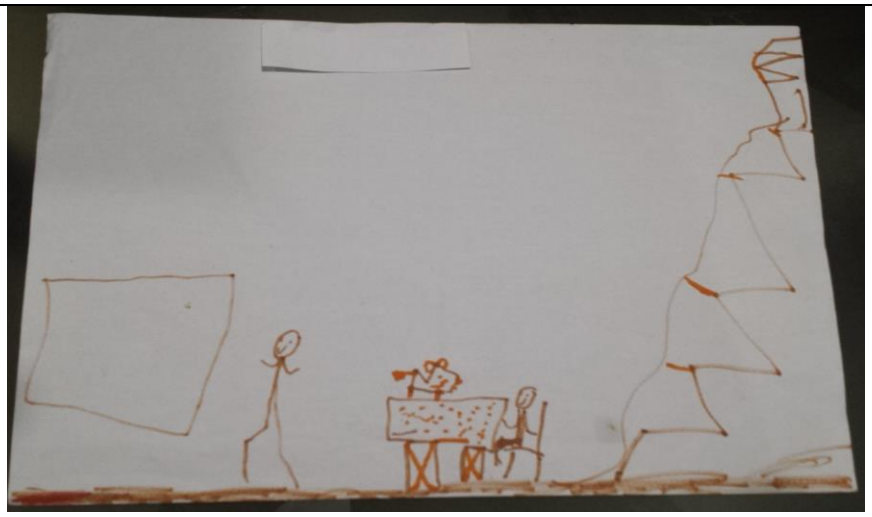
opções é fazer uma análise de conteúdo (FERREIRA, 2000, p. 13). Ferreira (2000, p. 17, *apud* Bardin 1979) afirma que “a análise de conteúdo é um bom instrumento de indução para se investigarem as causas [...] a partir dos efeitos [...]”.

3 Apresentação dos resultados

Aponta-se neste capítulo os resultados oriundos da coleta de dados dentre eles os desenhos dos sujeitos da pesquisa e suas verbalizações.

Quadro 01

ALUNOS	DESENHOS TEMÁTICOS 1ª COLETA REALIZADA NO DIA 24/09/2015
A1 **6 anos e 1 mês**	
A2 **6 anos e 2 meses**	

A3 **6 anos e 1 mês**	
A4 **6 anos e 1 mês**	
A5 **5 anos e 9 meses**	

A6 **5 anos e 10 meses**	
A7 **6 anos e 2 meses**	
A8 **6 anos e 10 dias**	

A9 **6 anos e 3 meses**	
A10 **6 anos e 3 meses**	
A11 **5 anos e 10 meses**	

A12 **5 anos e 11 meses**	
A13 **5 anos e 10 meses**	

Desenhos Temáticos

Quadro 02

Alunos	Recortes das falas dos alunos sobre: Como o professor é percebido por eles. 24/09 1ª COLETA	Temas que aparecem nas verbalizações	Me conta uma história (sobre o desenho) 14/10 2ª COLETA	Temas que aparecem nas verbalizações

A1 6 anos e 1 mês	Tem uma boneca que é a *****ED e essa boneca é tu. Agente ta fazendo piquenique. A gente está passeando. A gente ta com vestido, um sapato, uma calça, batom. Cabelo arrumado e um corpinho. Ela me dá aula com música, livros e canta pra gente. Ela ensina como se fosse uma música. Ela é legal. Porque ela faz todos os dias a música pra gente. É a P de música. A gente canta com ela, a gente dança com ela, ela bota música pra gente dançar. Está rindo. Eu gosto quando ela sorri.	**- Como o professor ensina: lúdico: música, dançar, cantar.** **- Posição do professor: felicidade, alegria.**	Vocês estão na escola fazendo um projeto. Passeando com a gente em todos os lugares.	- Posição do professor: amizade. - Relação professor-aluno: amizade. **- Como o professor ensina: lúdico: passeio**
A2 6 anos e 2 meses	Aqui é o A, aqui é eu, aqui é tu e aqui é a casa na árvore. No pátio, ali nos fundos. A gente tá brincando de mãos dadas daí a gente ta de mãos dadas. Eu e o A. Porque eu gosto do A. Porque gosto de ti. Gosto de ti e da P. De desenhar, se divertir, brincar no pátio, o pátio do meio, brincar na sala. Ela é brava às vezes mais é legal**.** Porque a gente incomoda.	**-Posição do professor: pai** **- Relação professor-aluno: pai**	Eu e o B a gente ta brincando e tu ta junto. E a casinha na árvore lá dos fundos e tem uma escada.	**- Posição do professor: brincar, amizade.** - Relação professor-aluno: Amizade e brincar.
A3 6 anos e 1 mês	Aqui está a profe de educação física, têm as bolas, o saco de bolas, eu e a A, minhas mechas e da K, nossos vestidos, vestido da profe e essas flores. Tá pegando as bolas pra gente. É pra gente usar as bolas. Está sorrindo. Porque gosto quando ela sorri. Porque ela não me deixa de castigo.	-Como o professor ensina. **- Posição do professor: felicidade.**	Elas estavam na creche aprendendo que nem a gente esta aqui aprendendo.	- Como a professora ensina.
A4 6 anos e 1 mês	Desenhei a profe dando aula para os alunos, para trazer os cachorro, pra trazer os bichos que a gente tinha, daí todo mundo tinha que trazer o seu cachorro. É um professor. É um professor do ano passado que eu estudava em outra escola que eu estava me lembrando dele. Sou eu. Um quadro pra estudar. Uma escada. Mostrando as coisas no quadro. Ele era de educação física. Legal. Porque ele trazia a sacola pra gente brincar, trazia corda pra gente brincar, trazia um monte de coisa pra gente brincar. Tá mostrando tudo que tem no quadro. Ele ta falando tudo que tem no quadro. Tá falando que tudo que tem no quadro é um planeta de cachorro. Ele era bom. Porque ele trazia brincadeira. Ele era bom comigo, querido. Como se fosse um pai pra mim. Faz as coisas pra mim me divirto com o pai. Leva a gente na praça, pra passear, às vezes a gente viaja junto.	**- Como o professor ensina: lúdico: brincar** **- Relação professor-aluno:** brincar, **pai** **- Posição do professor: pai**	NÃO ESTAVA NA ESCOLA	
A5 5 anos e 9 meses	Essa é tu e esses são meus colegas. Essa é a escola que tem o Natal então eu enfeitei. Por causa do dia do natal do ano passado que tu era daqui que tinha o dia do natal. Porque eu gosto de ti. Porque tu me dava beijo. São legais. Está sorrindo.	- Relação professor-aluno: amizade.	Era um Natal que eu fiz as luzes e também os colegas. Eles estão sorrindo e	- Relação professor-aluno: felicidade.

	Gosto. Porque eu gosto deles eles são muito meus amigos. Porque eles brincam comigo. Também brincam comigo		estavam felizes.	
A6 5 anos e 10 meses	Eu desenhei e tu a gente ta no computador jogando com um boneco aqui. Tem que apertar aqui pra ele ligar aqui hó! A cara dele fica com choque ai liga aqui e acende aqui. Aqui é uma mão. Ué pra ti me ensinar à educação que fica no computador. Aqui é a grama e aqui é o céu. Tu tá...esqueci de fazer tu segurando minha mão. Pra eu não borrar. Elas são legais e boas. Porque elas fazem a gente melhorar o corpo, ficar forte, e saber de tudo, aprender letras, números...Porque elas me ensinam muitas coisas e também a PC coloca sempre o filme do Kiriku. Ela é legal, me da aula fazendo atividade e aprendendo a fazer coisas	- Como a professora ensina. **- Posição do professor: pais** **- Relação professor-aluno: pais**	Isso é os cabos, meu pai e eu. Estamos no museu da Puc. Esse é um boneco que tem que apertar. Bater com a cabeça dele e liga o computador. Isso quando a gente fica furioso isso fica vermelho e pega em mim e no meu pai e se a gente ta triste fica no meu pai, em mim e no boneco. Quando a gente ta alegre e feliz todas as cores ficam em nós.	**- Relação professor- aluno: pai**
A7 6 anos e 2 meses	Eu fiz eu, o F, a V, tu a PC e a PJ dando o tema pra gente. Hummm...Porque tu é uma profe bem legal. Porque tu faz as atividades com a gente legal. É porque ela dá coisas pra gente pinta, escrever e a PJ da tema pra gente fazer e da um monte de estrelinha. Eu obedeço elas. Porque eu amo elas. Porque vocês são legais Porque vocês dão atividade pra gente legal. O F B e a V. Porque eles são meus melhores amigos. Porque quando eu falo pra eu fazer uma coisa eles fazem também. Porque eles me tratam bem.	- Posição do professor. -Relação professor-aluno. **-Como o professor ensina: lúdico: atividades legais**	Era uma vez eu o meu primo e minha amiga a gente tava indo pra casa, foi pra escola e a professora L, C e a J estavam entregando o tema. A gente foi pra casa e vivemos felizes para sempre.	- Relação professor-aluno: felicidade. - Como a professora ensina.
A8 6 anos e 10 dias	Essa aqui é a profe e esse aqui sou eu. Sei lá. A gente tá conversando. Humm...Está feliz. Porque eu gosto de todo mundo feliz. Porque ai fica bem legal. Ela é bem legal porque ela me trata bem. Eu me comporto muito bem. Ela é bem legal comigo. Eu gosto muito dela. A profe do cedo à gente se diverte, almoça e a profe de tarde a gente olha filminho e janta. Eu gosto muito de gente feliz, a gente fica amigo, a gente se diverti. Que da super bem com as crianças, que comportam as crianças.	- Relação professor-aluno: felicidade **- Posição do professor: felicidade, amizade.**	Eu gosto de gente legal. A gente ta conversando. Eu converso com a profe as vezes na rua.	- Relação professor-aluno: amizade.
A9 6 anos e 3 meses	Eu fiz tu que a gente ta plantando uma flor rosa e aqui nossa escola ta bem perto. Por que fica mais bonita. Que pode ter uma sala limpa ou pode ser umas professoras que venham com a sala sempre limpa. Porque tu era legal quando tu era nova e daí eu queria fazer tu. Era	**- Relação professor-aluno: pais** - Como a professora ensina.	Todos os alunos estavam vindo pra aula. A professora tava dizendo pra eles plantarem e todos foram plantar. Cada um	- Como o professor ensina: brincar, aprender. **- Relação professor-aluno:**

	legal, fazia coisas legais e fazia uns trabalhos legais pra gente fazer. Eu gosto das aulas delas, tem aula de recortar, de bicho, de pintar, do nosso planeta, da água...Boas. Tem uma que já me conheci que é a N que sempre fica de tarde. Ela faz uns trabalhos legais pra nós. Ela já me cuidou e ontem eu me machuquei e ela me cuidou um pouquinho pra passar meu machucado. Disse pra eu sentar no colo dela. Foi legal, daí tava passando já o machucado que eu fiz quando eu caí.		tinha que escolher uma flor. Cebolinha ou alface e depois que eles terminarem eles iam brincar. Depois eles foram jantar e dormiram. Depois ficou de tarde, todos os pais buscaram eles e fim. Eles também fizeram uma coisa legal de tarde. Eles voltaram pra sala pra brincar com os brinquedos da sala.	**pais**
A10 6 anos e 3 meses	Eu fiz a escola, o sol, o pássaro, dois ninhos que tem na nossa escola, uma na nossa sala e outro na nossa escola. A curtina da ED, árvores, nossas frutas, um desenho que tem lá na entrada, esse sou eu, esse é meu amigo B e essa é minha profe. Hummm. Estava conversando com ele sobre os desenhos que eu estava vendo muito legal. Tá dando aula de educação**.** Ela fica dizendo os negócios da nossa aula. É a J. Porque ela é boa. Porque ela deixou uma vez eu continuar meu desenho, deixou eu olhar dois livros no pátio. Ela é boa. Ela deixa eu comer bala antes do almoço, porque eu quis uma banana depois quando deixaram lá no lanche ela deixou eu ir pegar uma.	- Como a professora ensina. - Relação professor-aluno.	Era uma família de pássaros, o bebê, a mãe, o pai e o bebê. Este é um pato, a escola, o professor e o meu amigo. A professora estava nos dando aula num passeio e a gente ia sair no portão. Eu e meu amigo estávamos conversando. Chegou o ônibus e a gente foi no ônibus e brincamos de pedra, papel, tesoura. A gente chegou no passeio e olhamos um teatro. Depois a gente foi embora. No ônibus a gente comeu alguma coisa e voltamos na escola e ficamos olhando filme. Fui pra minha casa e fui brincar com meus brinquedos e fim.	- Relação professor-aluno: amizade **- Como a professora ensina: lúdico: passeio, teatro, filme.**
A11 5 anos e 10 meses	Foi a minha profe e eu. Eu estava caminhado e depois fui pegar a folha. Nada, ta limpa. Pra mim desenhar. Uma atividade. É a N. Como ela te ensina, como ela da aula pra ti? Ela deixa eu brincar no pátio, ela deixa eu pintar. Boa. Porque ela é boazinha pra mim, ela deixa eu correr. Quando eu peço uma coisa pra ela e ela me da. É bem boazinha, porque	- Relação professor-aluno. **- Como o professor ensina: lúdico: brincar** **-Posição do professor:**	Ela estava me dando uma folha pra eu faze um material. Ela tava indo e ela deixou eu sair do castigo. Deixou eu correr, deixou eu brincar	- Como a professora ensina. - Relação professor-aluno: amizade e brincar.

	ela deixa eu sair do castigo. Porque ela ta feliz. Porque ela ia me dar uma folha. Gosto porque elas são muito boazinhas comigo.	**felicidade**	e só.	
A12 5 anos e 11 meses	Aqui é a professora e aqui é os alunos. Queriam passear com a gente e eles não podiam a profe não deixava. Esse aqui é o ventilador, a profe gira com o botãozinho. É a profe. É tu. Porque sim, não posso? Passeando. Elas são legais. Porque elas fazem brincadeiras. Elas brincam, elas lancham. Levam a gente pra passear com os animais, a gente vai ao parque, passeia na pracinha.	- Relação professor-aluno: passear e brincar. **- Posição do professor: brincar** -**Como o professor ensina: passeio, brincadeiras.**	Não sei contar porque aqui não tem letras para eu contar. Aqui está tu, eu e meus colegas. Tu falou que é pra convidar vocês para o passeio e é o final da história.	- Como a professora ensina: alfabetização. - Relação professor-aluno: amizade. -
A13 5 anos e 10 meses	Um monte de pessoa e outra pessoa aqui no balanço e outra pessoa subindo uma escada. Aqui. Correndo com eles**.** Não sei. Ela me ensina matemática, escutar e escrever. Boa. Porque eu não incomodo. Não sei	- Como a professora ensina.	Não lembro. Tinham pessoas, árvore, flor, uma casa, e uma casa na árvore.	

Verbalizações dos alunos

4 Análise dos resultados

A partir da coleta de dados foram levantadas três categorias de análise as quais se apresentam: Como o professor ensina; Posição do professor e A relação professor-aluno. Vale-se lembrar que os resultados não são universalizados, visando que a situação verificada corresponde aos sujeitos específicos. Ressalto também que nesta pesquisa não há respostas certas ou erradas, mas sim o interesse de saber quais as representações que alunos da educação infantil têm sobre o professor.

4.1 Categoria1: Como o professor ensina

O principal aspecto a destacar na representação que as crianças tem na forma como o professor ensina está ligado ao modo lúdico pelo qual o professor ministra sua aula. Conforme o dicionário Aurélio (2015), a palavra lúdico é "relativo a jogo ou divertimento, que serve para divertir ou dar prazer". Para Vieira, Carvalho e Martins (2005, *apud,* Santa Rosa, 1993) o termo lúdico, derivado da palavra *ludus*, do latim, expressa tanto o brincar como o jogar. Para as crianças participantes deste estudo, o professor ensina através de brincadeiras, de atividades legais, como por exemplo músicas e dança, e também em passeios realizados fora do ambiente escolar. Vejamos algumas verbalizações:

"Levam a gente pra passear com os animais, a gente vai ao parque, passeia na pracinha". **(A12)**

"Faz as atividades com a gente legal". **(A7)**

"Passeando com a gente em todos os lugares". **(A1)**

Segundo Silva (2008), ao falarmos de crianças, adolescentes, e porque não os adultos, não devemos esquecer que é necessário existir o lúdico na sala de aula. A autora ainda afirma que as propriedades do brincar também estão presentes, e são necessários, na aprendizagem (SILVA, 2008, *apud* FORTUNA, 2000*).*

Silva (2008) certifica que quando pronunciamos o brincar não é a brincadeira apenas na hora do recreio, mas em atividades que circundem a criança de prazer, satisfação, alegria e que se divirtam ao executar seu trabalho. Ademais ressalto que brincar não é apenas divertimento para a criança, mas aprendizagem, uma vez que, a mesma ao brincar se constitui como indivíduo

pertencente desse mundo. Neste sentido, os dados coletados me levam a entender que para as crianças o ensinar está ligado ao brincar, conforme percebemos nas verbalizações a seguir que foram obtidas a partir do questionamento “como as professoras te dão aula”:

***“[...] Ele trazia a sacola pra gente brincar, trazia corda pra gente brincar, trazia um monte de coisa pra gente brincar”. Ele era bom, porque ele trazia brincadeira*.” (A4)**

***“[...] elas fazem brincadeiras”.* (A12)**

Brincar é uma ação de grande valor, principalmente para as crianças. É relevante de tal maneira que a criança associa o brincar com a forma que sua professora ensina, conforme observamos nos relatos acima. A criança quando brinca não está agindo apenas para passar o tempo, mas pelo prazer da ação, para controlar emoções, para reprimir angústias, administrar ideias, ou estímulos que dirigem à angústia se não forem reprimidos (WINNICOTT, 1971), o que nos conduz a apontar o aspecto do desenvolvimento subjetivo implicado em todo brincar.

Para Dornelles (1998), a criança enxerga o mundo por meio do brincar, porque o brincar está vinculado à criança, à infância. Dessa forma, quando a criança vai para a escola ela carrega junto este mundo do brincar, que antes, segundo Winnicott (1971), a criança, primeiramente, brincava com sua mãe ou sozinha. Ao ingressar na escola a criança passa a ter contato com outras pessoas, e o brincar, como uma forma de linguagem, é empregada pelas crianças para se comunicar e entender as pessoas que estão a sua volta e com o mundo. Desta forma, contribuir para o desenvolvimento dos alunos é inserir brincadeira nas aulas (DORNELLES, 1998), visto que é de suma importância para o desenvolvimento dos mesmos e por fazer parte de sua vida.

A forma lúdica de conduzir a aula, onde a criança aprende e se desenvolve com prazer, vale ressaltar novamente que a aula referida não se restringe apenas a sala de aula, mas em momentos fora dela, assim como aparece nas verbalizações do *A11*:

“Ela deixa eu brincar no pátio[...]ela deixa eu pintar [...] ela deixa eu correr. Ela estava me dando uma folha pra eu fazer um material. Ela tava

***indo e ela deixou eu sair do castigo. Deixou eu correr, deixou eu brincar e só.* (A11)**

Ao perguntar como a professora ensina o mesmo responde que ela permite o brincar no pátio. O brincar no pátio para o aluno é uma forma que a professora tem de 'permitir' que a criança gradativamente vá adaptando-se a escola e apresenta para ela que o aprender pode tornar-se algo prazeroso para a criança, pois qual criança não gosta de "brincar no pátio", e qual aprendizagem não está disposta no brincar.

Conforme Winnicott (1971) através das brincadeiras as crianças obtêm experiências, "As experiências tanto externas como internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia" (WINNICOTT, 1971 p. 163). Ainda segundo o autor, é através das experiências de vida que faz crescer a personalidade dos adultos, desta maneira o desenvolvimento das crianças progride por meio de suas brincadeiras e da forma ao qual elas brincam, também por meio de brincadeiras que outras crianças e adultos criam.

De acordo com Dornelles (1998), no quotidiano da escola nos deparamos com a mobilidade das crianças, e por vezes não toleramos essa locomoção contínua das mesmas, mas desejamos que as crianças tolerem nossa inatividade, falta de ação. Não podemos esquecer que a criança é "movimento", dificilmente encontraremos uma criança que goste de ficar parada, imóvel, principalmente a criança na fase pré-escolar onde tudo para ela é novo, onde ela terá contato com outras crianças e outros adultos que não sejam seus pais e/ou pessoas que não fazem parte do seu meio familiar. Conforme Dornelles (1998) "Onde está o movimento da descoberta, do prazer, da alegria, da vida das emoções e do encantamento que também rodeiam a vida das crianças?" (p. 95).

Estas concepções nos fazem perceber que "o ser criança" é estar envolto, de uma energia interna e externa, e que esta energia somente será operada na no ambiente escolar, através das contribuições do professor, do seu ensinar ludicamente. Mais isso só acontecerá no momento em que o professor passar a olhar para seu aluno e não apenas vê-lo, escutar e não simplesmente ouvi-lo.

As crianças verbalizam:

"A gente canta com ela, a gente dança com ela, ela bota música pra gente dançar". **(A1)**

"A professora estava nos dando aula num passeio [...]. A gente chegou no passeio e olhamos um teatro". Voltamos na escola e ficamos olhando filme. **(A10)**

"Aqui está tu, eu e meus colegas. Tu falou que é pra convidar vocês para o passeio". **(A12)**

Essas expressões dos alunos demonstram o quão necessário é olhar e escutar, levar em consideração o que os mesmos realizam e verbalizam. Perceber que o ensinar não se limita apenas as "vontades do professor", mas dos alunos também. De acordo com Dornelles (1998), necessitamos recuperar o universo lúdico pelo lúdico. Este espaço ao qual o *A1*, *A10 e o A12* nos comunicam.

> Do passear para curtir o que está ao redor, do assistir um filme, das histórias ou teatro pelo mágico que eles carregam, curtir uma praça para poder rolar na grama, curtir o que é inerente a cada um destes espaços e não apenas para chegarmos na sala e termos que desenhar o que se viu ou ouviu, contar na hora da novidade o que as crianças mais gostaram no passeio, contar o que aconteceu no início, meio e fim da história, do teatro. (DORNELLES, 1998, p. 95)

A grande estratégia, se assim podemos dizer, do ensinar é o ato, o agir das crianças sobre a proposta do professor. É "o olhar, curtir, tocar, experimentar faz parte do ser criança, faz parte da descoberta na infância e da construção de novos sujeitos" (DORNELLES, 1998, p. 95). Não é o resultado final o que mais importa, mas o percurso que as crianças realizam como um todo. Esta perspectiva está naquilo que as crianças trouxeram em suas verbalizações.

Assim como o professor leva o ensino "a sério" como reflexo de sua própria prática docente, os alunos também levam, mas o que difere as considerações sobre o ensino de alguns professores dos alunos é que os primeiros procuram focar o ensino por vezes nos conteúdos, os alunos através de atividades lúdicas, momentos que oferecem prazer, alegria entre outros.

Segundo Sommerhalder e Alves (2012), a educação para a Psicanálise, a partir de Freud, constitui-se adiante de conteúdos programáticos conduzidos aos

alunos. Adiante ela é concebida pelo que o professor reproduz para o indivíduo em formação, ou seja, a criança.

A forma ao qual o professor ensina está ligada a maneira que o aluno enxerga o professor. Esse professor que ensina com brincadeiras, músicas, passeios, entre outros, ou seja, momentos que disponibilizam o prazer, alegria para a criança, também é o professor que demonstra felicidade, que interage com os alunos através das atividades lúdicas, que exprimem emoções entre as relações. Este aspecto nos conduz a análise da segunda categoria.

4.2 Categoria 2: Posição do professor

Um dos aspectos que se sobressaem nas verbalizações das crianças corresponde à percepção que as mesmas têm sobre o estado de ânimo do professor. Ele é visto como uma pessoa feliz. Nas falas a seguir, podemos captar esta percepção.

"Eu gosto quando ela sorri". **(A1)**

"Está sorrindo. [...] gosto quando ela sorri". **(A3)**

"Está feliz, porque eu gosto de todo mundo feliz, porque ai fica bem legal. Eu gosto muito de gente feliz. **(A8)**

"Porque ela tá feliz". **(A11)**

Vemos nas verbalizações que assim como nós adultos nos sentimos satisfeitos ao sermos bem recebidos com um sorriso, ou com qualquer manifestação de simpatia e alegria ao prospectarmos em uma relação, com a criança não é diferente. Ademais se ela for acolhida com simpatia na escola, lugar onde ela passa a maior parte do seu dia. Também, se essa acolhida partir do seu professor, figura segundo Freud (1914) a qual se transfere pensamentos e emoções. Conforme estamos, bem ou mal, tristes ou felizes, os alunos conseguem perceber, assim como as verbalizações dos alunos acima. Nosso estado de humor – o estado que nos mostramos em nossa posição, no caso aqui, - é transferido para o aluno.

Ao estarmos com nossos alunos devemos demonstrar alegria para eles e com o que estamos fazendo, já que este comportamento é apreciado, ou seja, tomando como parâmetro de idealização conforme aparece na fala do A1, A3, A8 e A11. De acordo com Meira e Pillotto (2010), o professor necessita conhecer seu

estado de humor para saber lidar com ele, pois somos observados constantemente pelos alunos e os mesmos conseguem perceber oscilações de humor do professor.

De acordo com as autoras, saber identificar e entender o nosso humor são indispensáveis, para que o educador possa refletir sobre sua postura perante os alunos, para manter uma convivência harmoniosa com os mesmos (MEIRA E PILLOTTO, 2010). Acredito que a construção do ambiente harmonioso deva partir do professor em atitudes que prevaleça o afeto positivo com os alunos. Como também afirma Snyders (1993), o aluno que sente a alegria existente na escola irá conter seu desvio para o desânimo, falta de atenção. Reforça o autor, para a criança se desenvolver com harmonia ela necessita dotar-se de alegria no momento atual.

Ainda Snyders (1993), assinala quão necessário é que o professor queira e prossiga querendo educar seus alunos na alegria, pois a escola é um lugar onde o que está em jogo é o "alcançar a cultura, a alegria cultural pela mediação constante e contínua das pessoas, não uma pura troca de idéias, pois nela a cultura é transmitida pela vivência" (p. 75). Neste contexto, formar os alunos na alegria é o aluno ter o prazer nas relações.

Entendo que as relações e acontecimentos que se passam na escola não são apenas "flores", mas isso seria outra "história", pois vale lembrar que a análise em questão atenta as representações de felicidade que o aluno tem em relação ao professor. Desta forma, poder-se-ia levantar a possibilidade de que o aluno leva mais na lembrança os momentos felizes que ele passa na escola, não os de tristeza.

Outro aspecto destacado pelas crianças quanto à forma como os alunos o veêm carrega a figura do professor como uma pessoa amiga, que dialoga e que brinca com eles, como conseguimos perceber nas falas a seguir:

"A gente fica amigo, a gente se diverti". (**A8)**

***"A gente tá conversando. Eu converso com a profe às vezes na rua". (*A8)**

***"Eu e o B a gente tá brincando e tu tá junto". (*A2)**

***"Elas brincam [...]". (*A12)**

Snyders (1993) considera que o professor é o adulto, que tem o saber, que presume E assume as responsabilidades, lide. Pode-se cogitar que o professor escolheu esse ofício para proteger parte da infância em si mesmo. E mais do que os outros adultos o professor mantém no seu Eu um pouco da criança que era na sua infância, assim ele não precisa ter vergonha disso.

Utilizo-me destas considerações de Snyders por acreditar que o professor necessita deixar fluir a criança que existe dentro de si, principalmente professores que trabalham com crianças pequenas, isso porque elas necessitam, gostam, percebem e incluem o professor em suas brincadeiras, conforme colocado na própria voz dos A2, A8 E A12, citadas acima.

Retorno aqui, como já aparecera na categoria anterior, o aspecto lúdico ligado ao ensinar, porém agora na posição daquele que ensina, o professor. O tempo da criança, conforme Silva (2008) é o de brincar, entreter-se, descobrir o mundo e a si mesma, seus sentimentos e dos que estão a sua volta. Penso que o adulto, neste contexto o professor, deva olhar mais para seu aluno, observá-lo com mais atenção e perceber o que realmente ele expressa em seu brincar no contexto escolar. Neste sentido, o aluno quer além do seu professor, quer um "adulto criança" que brinque e se divirta com ele.

Além disso, o aluno quer que o professor aprenda junto com ele por meio do brincar, pois segundo Silva (2008, *apud* Winnicott, 1976) através da brincadeira a criança adquire experiências que engrandecem seu ser.

Este laço que se coloca com o professor que está na posição daquele que brinca com a criança, surge nas falas á figura do professor vinculada á imagem de um pai.

"Ele era bom comigo, querido, como se fosse um pai pra mim". **(A4)**

"Isso é os cabos, meu pai e eu". **(A6)**

"Ela é brava às vezes mais é legal". **(A2)**

Para Freud (1914), a psicanálise nos apresenta a importância em que as emoções se expressam nas relações entre os sujeitos, como forma de sustentar os laços, e que estes atos já estão instituídos numa idade impressionamente precoce. A natureza e as características das relações da criança com os outros, já vão sendo fixadas desde o nascimento de uma criança e particularmente ao redor

dos seis anos, devido à passagem pelo Édipo, a criança modula uma forma de relacionar-se que perdurará em sua vida.

A criança, de acordo com Freud (1914), pode desenvolver mais tarde suas relações e convertê-las em certas direções, porém não conseguem libertar-se das primeiras marcas. As primeiras ligações que a criança tem com os pais, com pessoas que cuidaram dela na infância, virão a se tornar parâmetros para futuras relações. Deste modo, os outros passam a ser figuras que substituirão as primeiras pessoas a qual a criança compartilhou seus sentimentos (FREUD, 1914). Na escola, em particular na educação infantil, o professor, torna-se uma figura substituta dos pais. Assim pode-se entender as falas dos participantes A2, A4 e A6.

Freud (1914) Afirma que a criança carrega esta “herança emocional”, ou seja, sentimentos atribuídos aos pais e afins e que pode desdobrar-se em sentimentos conflitantes, por exemplo, quando sentimos ódio e amor, simpatia e antipatia por uma mesma pessoa, assim como observamos na fala do A2, quando o aluno diz que a professora é brava, mas é legal. A este sentimento Freud designou o quanto somos ambivalentes em relação aqueles que gostamos e que tomamos como parâmetros de identificação. Quando o A2 fala que o professor é bravo, neste contexto, entende-se que esta atitude o perturba, mas ao mesmo tempo o aluno demonstra na fala que gosta do seu professor. Já na fala do A4 não aparece o conflito de sentimentos pelo seu professor, mas o bem querer, um ser bondoso, estimado, igualmente ao que o aluno sente pelo seu pai, pois o A4 faz uma aproximação direta com a posição paterna quando diz que o professor é bom e querido com ele como se fosse o pai.

O professor que brinca, que é feliz, dialoga com seus alunos, e que usufrui deste processo passa a provocar um efeito sobre a criança. Passemos a análise da terceira categoria para compreender o laço que sustenta a relação professor-aluno e que se instaura na forma como as crianças vêem o professor.

4.3 Categoria 3: A relação professor-aluno

Na obra de Kupfer (1992) intitulada “Freud e a Educação: o mestre do impossível”, a autora aborda que para Freud a aprendizagem não se desenvolve sozinha, pois é necessário que haja um outro para que a aprendizagem se

realize. No contexto escolar, este outro é o professor. Ele ocupa um lugar especial, ou seja, o lugar do pai, assim como vimos nas verbalizações dos alunos na segunda categoria de análise. As primeiras relações que a criança tem com alguém que a eduque é com seus pais ou pessoas que se fazem presente no seu âmbito familiar. Pessoas estas que A marcam no campo do afeto, e que tornaram-se imagens representadas da infância na mente da criança. Marcas que a introduziram no campo simbólico da linguagem e da formação do Eu. Posteriormente estes *imagos*, isto é, estas imagens serão lançadas sobre algumas pessoas pertencentes do espaço onde se encontrará a criança. (FREUD, 1992). Nestas circunstâncias, o ambiente escolar, no qual a criança se depara com o professor é um lugar específico desta projeção.

Na fase em que a criança vai para a escola ocorre uma separação da criança com os pais. A mesma entra em contato com os professores e ela passa a transferir os sentimentos e emoções aos quais eram ligados, especialmente, ao pai. Para Kupfer (1992, *apud*, FREUD, 1901) transferências são sequências de ocorrências psíquicas que adquirem vida de novo. Não mais como algo decorrido, porém, num relacionamento atual, aqui na figura do professor. Além do mais, a transferência é manifestada pelo nosso inconsciente. Para sobressair que a relação professor-aluno é uma relação de transferência, vale retomar as verbalizações colocadas na segunda categoria de análise, que são:

"Ele era bom comigo, querido, como se fosse um pai pra mim". **(A4)**

"Isso são os cabos, meu pai e eu". **(A6)**

"Ela é brava às vezes mais é legal". **(A2)**

Freud (1914) já questionava o real peso da ciência que se ensinava em seu aprendizado quando comparado com a importância da personalidade de seus mestres. Desta passagem, podemos extrair que não só os conteúdos, mas também, e de forma mais acentuada, são as características dos professores que marcam e ajudam no processo do aprendizado. Por isso, para Freud (1914) a passagem às ciências, só teriam sentido através dos professores. De acordo com Snyders (1993), os alunos por vezes não possuem o prazer nos conteúdos da escola, mas eles procuram encontrar um professor bom, que através dele os conteúdos passem a ter um significado. Vemos na fala do A6:

"Elas são legais e boas. Porque elas fazem a gente melhorar o corpo, ficar forte, e saber de tudo, aprender letras, números...". **(A6)**

"*Eu fiz tu que a gente tá plantando uma flor rosa*". (A9)

"*Todos os alunos estavam vindo prá aula. A professora tava dizendo pra eles plantarem e todos foram plantar*". (A9)

Desta forma, a cultura que era para ser entendida nos livros passa a ter um maior significado através da abordagem do professor.

O que fica na lembrança do que o aluno aprendeu está fortemente ligado as formulações que o professor realizou para ensinar ao aluno (SNYDERS, 1993). De acordo com Kupfer (1992), Freud expõe que o professor dotado de importância pelo aluno poderá ser ouvido. Nota-se que a voz do professor tem uma influência significativa para seu aluno, assim como a voz do pai. Neste contexto, a relação que o professor tem com o aluno de educá-lo está além das matérias que transitam entre esses dois sujeitos, e sim no conhecimento que um transfere para o outro (KUPFER, 1992, *apud* FREUD). Busca-se compreender que esses conhecimentos somente serão transferidos significativamente se houver uma afeição em ambas as partes. Segundo Sommerhalder e Alves (2012), nestas circunstâncias, o que motiva a criança ao fascínio do aprender está exatamente associada à figura do professor, ao qual, a mesma aposta afeição e desejos, uma vez que ela acredita que o professor poderá auxiliá-la a desvendar as respostas para seu "quebra-cabeça" como um sujeito que quer (deseja) conhecer "para crescer".

Isso é compreendido, porque as mesmas apostas que a criança faz em seus pais ela estende ao meio escolar materializando-as na figura do professor, visto que, alguns questionamentos feitos aos pais ela sente a mesma segurança para fazê-los ao professor. E dessa forma, com o auxilio do professor ela busca a solução para as suas indagações que não foram elucidadas em seu seio familiar. Diante desta expectativa criada pelo aluno, reforça-se a importância do professor como alicerce de formação, já que ele tem a missão de exercer sobre a criança um ato educacional, direcionando-a a autonomia e auxiliando-a no equilíbrio social em que vive. É na escola também que por meio do professor e de sua autoridade no ambiente escolar, que se reforça a ideia de limites, deveres e

obrigações que muitas vezes não são trabalhadas em casa, assim vale-se de exemplo na oralidade dos alunos:

***"A P1 nos passa tema para fazermos e coloca várias estrelinhas"*. (A7)**

***"É bem boazinha, porque ela deixa eu sair do castigo".* (A11)**

Compreende-se a ideia de dever que a criança A7 aborda em sua fala, visto que é um dever do aluno efetuar o tema, pois ele faz parte de sua aprendizagem, o tema reforçará o que o mesmo aprendeu anteriormente e a A7 percebe que se ela realizá-lo ganhará uma gratificação no final, ou seja, as "várias estrelinhas" colocadas pela professora em seu tema. Acredita-se que esta atitude do professor reforçará o dever, mas com prazer de realizá-lo.

Outra nuance questão da autoridade do professor, entendida como um saber que se dispõ no laço trasnferencial, apresenta-se na fala do A11, quando ele aborda que a professora permite com que ele saia do castigo. Percebe-se um limite posto pela professora em seu aluno ao deixá-lo de "castigo". Porém o (A11) demonstra compreender que mesmo a professora deixando ele de "castigo" ela é "boazinha", porque retira ele deste "castigo".

O professor que ao mesmo tempo mantém uma posição de autoridade e impõe limites, também pode oferecer amor ao seu aluno. O professor que tem o fervor, a paixão de formar oportunizará "a eficácia da transmissão e produção da cultura, a construção do conhecimento e o desenvolvimento do outro humano (a criança)" (SHOMMERHALDER E ALVES, 2012, *apud* SILVA 1994, 2003, p. 245). Desta forma, o professor entrega-se na relação, em que o mesmo oferta tudo o que de melhor ele tem, doando-lhe sua sabedoria, e proporcionando um vínculo amoroso para fazer parte desses conhecimentos. É através da relação de afeto positivo entre o professor e o aluno, neste contexto, que se transforma a paixão de formar (SHOMMERHALDER E ALVES, 2012, *apud* SILVA 1994, 2003). O professor que provém de afeição na relação e a paixão de formar entende que mesmo guiando seu aluno para a independência o mesmo por vezes ainda depende dele e a criança demonstra isso. Vale-se de exemplo na fala do aluno A6:

***"Esqueci de fazer você segurando minha mão pra eu não* borrar". (A6)**

Percebe-se na verbalização de A6 que ele necessita do apoio do seu professor para ele seguir realizando e aperfeiçoando suas "tarefas", uma vez que

esta ação que o sustenta valerá para a vida dele. O professor para seu aluno é a base que o sustenta, que lhe da segurança para um instável contato com o mundo e com as pessoas que nele vive. (SHOMMERHALDER E ALVES, 2012), assim como seus pais, e principalmente nesta fase em que a criança está em que ela necessita de um suporte para florescer e trilhar seu caminho.

Conforme Shommerhalder e Alves (2012), o amor na percepção de Freud é a força raiz da educação, em função da demanda de amor que a criança dirigi aos pais e, seguidamente, aos seus professores. Desta forma, observamos as falas de A7 e A13:

***"Eu obedeço elas, porque eu amo elas"*. (A7)**

***"Boa, porque eu não incomodo".* (A13)**

Assim como o aluno rende-se aos pais, da mesma forma ele age com seu professor, visto que por ter uma afeição ao outro, a criança fará com que seu vínculo seja positivo. Se o aluno ama o outro, provavelmente fará de tudo para não prejudicar sua relação com ele, ou seja, com o professor.

No vídeo intitulado "Paradigmas Psicanalítico na Educação 2" (2009) o sociólogo e psicanalista Manoel Tosta Berlinck, assinala a partir das ideias de Freud que a relação professor-aluno, é amorosa em última instância e que introduz algum encanto pelo outro, visto que, nestas circunstâncias, se o aluno não se encantar pelo outro ele não adquire conhecimento, não aprende o outro – movimento fundamental para aprender e tornar um Sujeito do conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos resultados obtidos neste estudo, pude perceber inúmeras representações que os alunos têm sobre o professor. Para o aluno o professor representa aquela pessoa que ensina através do lúdico, a partir de brincadeiras, que se tornam atividades legais, como ver filmes, músicas, teatro, dança, e especificamente, com os passeios. Este mesmo professor, para o aluno, além de ensinar com um certo “divertimento”, inclui o professor nessa “diversão”, neste desejo que o aluno tem de aprender se divertindo. Uma vez que percebe que o professor ao brincar com ele, ao ser seu amigo, sente-se feliz, demonstrando satisfação pelo que faz – ser professor.

Essa relação de carinho, de apego que o aluno tem por seu professor assemelha-se a relação que o aluno tem com seus pais. Toda a ação que a criança participa e que lhe proporciona prazer, ou todos os momentos em que ela necessitar de um apoio, de alguém que a impulsione para novas aprendizagens, que lhe mostre o caminho para elucidar seus questionamentos, certamente a primeira pessoa que ela irá desejar, neste contexto, será o professor, uma vez que para o aluno, o mesmo torna-se, segundo Freud (1914), figura substituta daqueles que a criança mais estima, os pais.

Por conseguinte, nós professores precisamos prestar mais atenção nos nossos alunos e tentar captar o que realmente eles desejam de nós professores e do seu meio escolar. Creio que o professor necessita refletir sobre sua postura perante os alunos, ter prazer na relação com os mesmos, assim como o aluno demonstra ter com seu professor.

A partir deste trabalho enfatizo que o aluno criança necessita viver seu momento da infância, e que para ele este momento não existe apenas no seu âmbito familiar, mas no escolar também. Para a aprendizagem ter um real sentido, o aluno utiliza o seu modo de ser criança, suas ações de ser criança. Para o aluno nestas circunstâncias, a riqueza de aprender e de ensinar está nas brincadeiras, nos momentos de alegria e de satisfação que ele passa na escola com os colegas, professores entre outros.

É deste modo que nós professores precisamos olhar o aluno e procurar associar o desejo e a forma que a criança tem em aprender com o desejo que o professor tem de ensiná-lo, que busquem construir propostas pedagógicas que

levem em conta o querer de ambas as partes. A grande estratégia do ensinar é o ato, o agir das crianças sobre o professor, e quando nós professores percebermos isso sua prática terá um real significado, tanto para um quanto para o outro

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição (1998). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em: 27 de Nov. 2015.

BRUNER, Jerome. *Critical Inqury*. A Construção Narrativa da Realidade; Tradução de Waldemar Ferreira Netto. 18(1), p. 1-21, 1991. Disponível em: <http://www.academia.edu/4598706/BRUNER_Jerome._A_constru%C3%A7%C3%A3o_narrativa_da_realidade> Acesso em: 01 de Nov. 2015.

BRUNER, Jerome. **Atos de Significação.** 2ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. Sandra Costa.

DORNELLES, Leni Vieira. Na escola infantil todo mundo brinca se tu brincas. In: CRAIDY, Carmem Maria; Kaercker (Orgs). Educação Infantil: p'ra que te quero? 1ed. Porto Alegre: UFRGS, p. 89-97, 1998.

Dicionário Aurélio On-line. Disponível em: http://www.dicionariodoaurelio.com/ Acesso em 21 de Nov. 2015.

FERREIRA, Berta Weil. Análise de Conteúdo. In: PSICOLOGIA, Logos (Ed.). **Aletheia 11.** 11. ed. Canoas: Editora da Ulbra, 2000. Cap. 2. p. 13-20.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas.** 13. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1914.

GEISA; RABELLO, Maísa. **Jerome Seymour Bruner.** Vale do Rio dos Sinos, 2012. 10 slides, color. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/allanarabell/trabalho-sobre-bruner>. Acesso em: 30 nov. 2015.

GODOY, Arlinda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa**: tipos fundamentais. In: RAE. Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v. 35, n.3, p. 20-29, mai/jun. 1995.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Freud e a Educação:** O mestre do Impossível. 2ed. São Paulo: Scipione, 1992.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MEIRA, Marly Ribeiro; PILLOTTO, Silvia. **Arte, afeto e educaçã**o: a sensibilidade na ação pedagógica. Porto Alegre: Mediação, 2010.

ORTEGA, Sheila Christina; MANZANO, Cinthia S. Modos de olhar o desenho na educação infantil. Cadernos da Rede: formação de professores. Vol. **Percursos de aprendizagem**: um olhar para o desenho. 2010. Prefeitura Municipal de São

Paulo. Disponível em: <http://portalsme. prefeitura.sp.gov.br/Projetos/BibliPed/Documentos/Publicacoes/Cad_Rede/um%20olhar%20para%20o%20desenho.pdf>. Acesso em 25 de out. 2015.

PARADIGMAS Psicanalítico na Educação 2. 2009. 1 (16 min.), P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oNwKIx-mMNg>. Acesso em: 12 nov. 2015.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino as artes**. 4ed. Porto Alegre: Mediação, 1999.

POOLI, João Paulo. Quando “um outro” se torna “muitos outros”: da família à escola, a complexidade da descoberta do mundo social. In: **A criança de 0 a 6 anos e a Educação Infantil:** um retrato multifacetado. Canoas: Ed. ULBRA, p. 99-107, 2001.

SILVA, Michele. Uma sala de aula possível: compartilhando responsabilidades, saberes, decisões, alegrias, descobertas. In: ÁVILA, Ivany Souza (Orgs). **Escola e Sala de Aula Mitos e Ritos**: Um olhar pelo avesso do avesso. 2ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SNYDERS, Georges. Prefácio: Paulo Freire. **Alunos Felizes**: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Tradução de Cátia Ainda Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SILVEIRA, Maria Aparecida. As contribuições da Psicanálise para a educação infantil. In: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian (Orgs). **A criança de 0 a 6 anos e a Educação Infantil:** um retrato multifacetado. Canoas: Ed. ULBRA, p. 59-65 2001.

SOMMERHALDER, Aline; ALVES, Fernando Donizete. Infância e educação infantil: Aspectos inconscientes das relações educativas. Paidéia. Ribeirão Preto.. 241-249, 2012

VIEIRA, Therezinha; CARVALHO, Alysson; MARTINS, Elizabeth. Concepções do brincar na Psicologia. In: CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília; DEBORTOLI, José Alfredo (Orgs). **Brincar (es)**. Belo Horizonte: Editora UFMG: Pró-Reitores de Extensão/UFMG, 2005.

WINNICOTT, D. W.. **A criança e o seu mundo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 197.

APÊNDICE

Apêndice 1: Carta de apresentação da pesquisadora à escola

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS BÁSICOS

Porto Alegre, 23 de Setembro de 2015.

SENHOR/A DIRETOR/A:

Ao cumprimentá-lo/a apresentamos a V.Sa. a universitária LUANA SILVA DA SILVEIRA, regularmente matriculada no Curso de Pedagogia.

Solicitamos permissão para que a aluna possa realizar trabalho prático de pesquisa educacional para fins do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Vale mencionar que o comprometimento tanto da instituição como da aluna que ora se apresenta é de respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho. Desta forma, informamos que quaisquer dados obtidos junto a esta instituição estarão sob sigilo ético.

Desde já agradecemos sua atenção e cooperação.

Profª Dra. Gláucia Helena Motta Grohs

Professor/a Orientador/a do TCC

Apêndice 2: Termo de consentimento informado

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente trabalho estuda as narrativas produzidas por crianças da Educação Infantil sobre as representações que elas têm sobre o professor, qual o seu lugar e papel. A pesquisadora compromete-se a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho e garante que os dados e resultados individuais estão sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito, que venha a ser publicado, deste modo, solicitamos autorização para a entrevista ser gravada pelo pesquisador responsável.

Tem como pesquisadoras responsáveis a Professora Dra. Gláucia Helena Motta Grohs, do curso de Psicologia/Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientadora, e a aluna do curso de Pedagogia Luana Silva da Silveira. Ambas se comprometem a esclarecer devida e adequadamente quaisquer dúvidas ou necessidades de informações que a (o) participante venha a ter, através do telefone (xx) xxxxxxxx e do endereço eletrônico xxxxxxxx e assumem o compromisso de que a participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo aos envolvidos.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu _____, Identidade n.º_____ responsável pelo aluno/a _____, autorizo o meu (minha) filho (a) a participar desta pesquisa.

_____

Nome do responsável (assinatura)

_____

Nome da pesquisadora (assinatura)

Data:_____